



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
CURSO DE LETRAS

JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS SOARES

O ENREDO ROMÂNTICO NO ROMANCE *IRACEMA* DE JOSÉ DE ALENCAR

DELMIRO GOUVEIA – AL
2021

JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS SOARES

O ENREDO ROMÂNTICO NO ROMANCE *IRACEMA* DE JOSÉ DE ALENCAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S676e Soares, José Augusto dos Santos

O enredo romântico no romance Iracema de José de Alencar /
José Augusto dos Santos Soares. – 2021.
36 f.

Orientação: Márcio Ferreira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de
Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro. 3. Alencar,
José de, 1829-1877. 4. Iracema – Romance. 5. Romantismo.
6. Personagem. 7. Enredo. I. Silva, Márcio Ferreira da. II. Título.

CDU: 82-31(981)

JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS SOARES

**O ENREDO ROMÂNTICO NO ROMANCE *IRACEMA*, DE JOSÉ DE
ALENCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Alagoas (UFAL), como requisito parcial
para obtenção do título de Graduação
em Letras-Português.

Aprovado em: 27/05/2021.



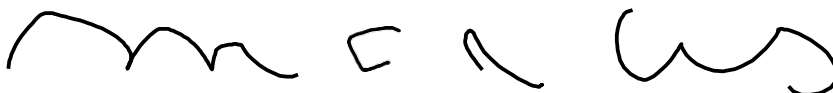
Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva-UFAL

ORIENTADOR

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Fábica Pereira da Silva - UFAL
AVALIADORA INTERNA



Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha - UFAL
AVALIADOR INTERNO

*Aos que me deram apoio, principalmente
minha família, namorada e amigos, dedico
este trabalho.*

AGRADECIMENTOS

A todos os professores e a todas professoras do curso, pois foram importantes na minha vida acadêmica.

À Universidade Federal de Alagoas (Campus do Sertão), pela oportunidade de fazer este curso.

A todo(a)s o(a)s colegas da turma.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva, pela paciência.

Agradeço a minha família por sempre me apoiar em todos os momentos.

Não há povo e não há homens que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.

(Antonio Candido)

RESUMO

O Romantismo ocupou mais da metade do século XIX e influenciou de forma dominante a expressão literária da época e das décadas adiante, seja na forma de contraposição seja na contribuição do movimento às manifestações literárias da modernidade. Esta pesquisa objetiva analisar o enredo literário no romance **Iracema**, de José de Alencar. A justificativa da pesquisa se instaura na idealização das personagens, da Natureza e da conduta estética pensada pelo escritor romântico na condução da narrativa. Dessa forma, a pesquisa se baseou em trabalhos sobre o movimento artístico e sobre o enredo na narrativa romântica, que se instaura a partir da idealização, haja vista o aspecto da subjetividade e da individualidade artísticas captadas pelo narrador para construir a trama. Optou-se também por relacionar a produção romântica a outras expressões literárias do Brasil Colonial, como a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, quando trata da descrição dos povos indígenas. A pesquisa é de cunho bibliográfico, qualitativo e organizada na contraposição dos estudos sobre o autor e a obra durante o tempo. A base teórica foi construída a partir dos estudos de Roncari (2002), Candido (2020), Bosi (2006), Barbieri (2013), Brait (1985) e D'Onofrio (1990).

PALAVRAS CHAVE: Romance. Enredo. Personagem. Iracema. José de Alencar.

ABSTRACT

Romanticism occupied more than half of the nineteenth century and dominantly influenced the literary expression of the time and the decades ahead, either in the form of counterposition or in the contribution of the movement to the literary manifestations of modernity. This research aims to analyze the literary story in the novel **Iracema**, by José de Alencar. The research justification is established in the idealization of the characters, of Nature and of the aesthetic conduct thought by the romantic writer in the conduction of the narrative. In this way, the research was based on works about the artistic movement and about the story in the romantic narrative, which is established from the idealization, given the aspect of subjectivity and artistic individuality captured by the narrator to build the plot. We also chose to relate the romantic production to other literary expressions of colonial Brazil, such as the *Carta de Pero Vaz de Caminha*, when it deals with the description of indigenous peoples. The research is bibliographical in nature, qualitative and organized in the contraposition of studies on the author and the work over time. The theoretical basis was built from the studies of Roncari (2002), Candido (2020), Bosi (2006), Barbieri (2013), Brait (1985) and D'Onofrio (1990).

KEY WORDS: Novel. Story. Character. Iracema. José de Alencar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. UM BREVE PASSEIO PELO ROMANTISMO: EVIDÊNCIANDO IRACEMA.....	13
2.1 Romantismo no Brasil.....	14
2.2 O Enredo em Iracema.....	16
3. O ENREDO: A TRAMA ROMÂNTICA.....	21
3.1 O Narrador e Enredo.....	21
3.2 As Personagens e o Enredo.....	23
4. A REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA: IDEALIZADA?	27
4.1 A Idealização Romântica.....	27
4.2 Um Enredo Idealizado?	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35

1.INTRODUÇÃO

O romantismo foi um importante movimento estético, ideológico e social que perdurou nas civilizações ocidentais entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XX. É importante lembrar como diz Proença (1978), que não se pode confundir o romantismo como estado de alma e ao “movimento literário” chamado de Romantismo, segundo esse autor o temperamento romântico é uma constante universal que procura buscar na natureza, no pitoresco a satisfação que busca, e o Romantismo, estilo de época, é um movimento estético que configura um estilo de vida.

Segundo alguns autores, esse movimento surgiu na Alemanha e na Inglaterra, com a tentativa de se libertar do absolutismo e dos padrões clássicos que predominavam na época. Os românticos procuravam lutar a favor de expressão, em que eles não ficariam presos a regras, podendo se expressar como quisessem.

Esse movimento está relacionado com a própria situação pela qual a sociedade europeia passava. Uma sociedade em que se começava a surgir uma grande atividade industrial, devido aos avanços tecnológicos.

Os românticos buscavam fugir daquela realidade, buscando satisfação em outros tempos passados, ou futuros. As principais características dessa época são: a evasão, o senso de mistério, a consciência de solidão, o reformismo, o culto a natureza, gosto pelo pitoresco, sentimentalismo, ânsia de glória, gosto pelo noturno, entre outras.

Depois da Europa, o romantismo se espalhou por todo mundo, porém, nesse trabalho interessa-nos destacar a realidade do romantismo no Brasil focalizando o romantismo na obra de José de Alencar.

Nesta perspectiva, o intuito deste trabalho é fazer uma análise da obra **Iracema**, uma das obras de maior destaque do autor, escrita na década de sessenta, demonstrando como o enredo romântico vai sendo construído para dá origem ao que hoje é chamado de mito da construção do Brasil. A metodológica utilizada foi a pesquisa bibliográfica, no qual utilizamos como base teórica alguns autores, como por exemplo, Roncari (2002), Candido (2020), Bosi (2006), Barbieri (2013), Brait (1985) e D’Onofrio (1990).

Para chegar ao objetivo geral da pesquisa foram realizadas algumas etapas, quais sejam, fazer um breve resumo sobre o romantismo e como esse se caracteriza; analisar como se desenvolve o enredo na obra *Iracema*, evidenciando os personagens e narrador; evidenciar como o narrador utiliza as paisagens/natureza para construir o enredo.

O enredo da obra se baseia na época da colonização do Brasil, do encontro entre o mundo Europeu e o Americano, onde *Iracema* é a personagem principal, e toda trama é baseada na história do amor proibido da índia brasileira e o português Martim. Além de guardar o segredo da Jurema, os dois também eram de mundos distintos. *Iracema*, descrita pelo narrador de “virgem dos lábios de mel” é uma personagem importante na literatura brasileira, representando o início da miscigenação do brasileiro. Como diz Barbieri (2013), quando afirma que o é no desenvolvimento do enredo que o narrador constroi as personagens, formando, no caso de Alencar, a ideia de que *Iracema* representa um ícone da cultura brasileira.

Iracema é uma obra relevante para o romantismo, como podemos perceber quando do contato com a disciplina de literatura, no curso de Letras, UFAL-Campus do Sertão, daí surgiu o interesse de fazer a pesquisa sobre a obra ***Iracema*** de José de Alencar para analisar como o enredo é apresentado.

Esse trabalho é dividido em três seções, a primeira apresenta uma discussão sobre o romantismo, desde da origem na Europa até o movimento literário aportar no Brasil, com seus três momentos; a segunda traz uma análise do enredo no romance *Iracema*, relacionando o narrador e as personagens à construção do enredo; por fim, a terceira, que discute e analisa o romance em relação à representação da natureza e idealização romântica, focando esse olhar na maneira como o narrador conduz a narrativa a partir do enredo.

Cabe aqui ressaltar, assim, a importância desse estudo, visto que José de Alencar é um dos principais autores do período romântico, sendo ***Iracema*** a sua obra de maior destaque, no qual vai apurando o seu processo de criação. Portanto, por se tratar de uma obra na qual Alencar procurou recriar o passado da colonização do Brasil, dando origem ao mito da civilização do Brasil, é um romance lido, analisado por grande parte dos estudos literários nos cursos de Letras em todas as universidades brasileiras.

2. UM BREVE PASSEIO PELO ROMANTISMO: EVIDÊNCIANDO IRACEMA

O romantismo foi um importante movimento estético e cultural que revolucionou a sociedade entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XX, deixando para trás valores clássicos e trazendo a modernidade nas artes. O romantismo privilegia as emoções, a subjetividade e o individualismo.

Segundo alguns autores esse movimento surgiu na Alemanha e na Inglaterra, com a tentativa de se libertar do absolutismo e dos padrões clássicos que predominavam na época. Os românticos procuravam lutar a favor de expressão, em que eles não ficariam presos a regras, podendo se expressar como quisessem. Esse movimento está relacionado com a própria situação pela qual a sociedade europeia passava. Uma sociedade em que se começava a surgir uma grande atividade industrial, devido aos avanços tecnológicos. Os românticos buscavam fugir dessa realidade, buscando satisfação em outros tempos passados, ou futuros.

D'Onofrio (1990) explica que essa uma nova concepção de arte vista no Romantismo deixa de se preocupar com as normas como era visto no Classicismo, em que os valores humanos e estéticos eram universais, e passa a perceber uma liberdade de criação, em que os artistas deixavam-se levar pela emoção, manifestando valores estéticos individualizados, únicos em cada realização artística. Nessa perspectiva, apresenta alguns contrastes entre esses dois períodos, para que se possa compreender melhor as diferenças entre os dois estilos de arte.

A primeira diferença é que enquanto no Classicismo observa-se o predomínio do *objetivismo* (a beleza é tida como algo que possui harmonia e formas, alto grau de verossimilhança na apresentação do mundo), no Romantismo observa-se a presença do *subjetivismo* (representação de uma realidade interior, em que a concepção de beleza vai depender do olhar de cada artista); no Classicismo vê-se o *condicionamento* (o poeta segue modelos artísticos já estabelecidos, como, a lei das três unidades do gênero dramático: invocação, proposição e narração), no Romantismo há a presença da *liberdade* (o autor tem liberdade para criar, sem precisar seguir normas estabelecidas, nova concepção de herói); enquanto no Classicismo há um predomínio da *razão* (construção lucida da obra de arte, o autor fica atento para não fugir da racionalidade para não ofender a moral e os costumes

sócias), no Romantismo observa-se a presença do *sentimento* (o predomínio dos sentimento do autor sobre sua razão); no Classicismo ver-se a *contemporaneidade* (o autor reproduz a realidade em que vive), já no Romantismo observa-se o *historicismo* (fuga para o passado ou para o futuro para fugir da nostalgia de seu tempo);

Além disso, no Classicismo predomina o *otimismo* (concepção eufórica da vida, apresentação do lado bom da realidade, convidando ao prazer, não mostra o lado ruim); no Romantismo predomina o *pessimismo* (o artista ver-se incapaz de superar as condições de sua existência e busca a solidão); enquanto no Classicismo predomina a *nobreza* (os heróis são representados por seres superiores, deuses, soberanos), no romantismo observa-se a presença da *burguesia* (o herói não se trata a pena de seres superiores, mas jovens de classe média ou popular, que amam, odeiam, traem); no classicismo o que predomina é o *real* (mesmo quando fantástico traz a impressão de verdade), no romantismo os autores não buscar o real, e sim, o *fantástico* (o mundo romântico transcende o real e se abre para o mistério, o sobrenatural); ao passo que no Classicismo os autores tinham uma preocupação em manter a mente lúcida característica da *sobriedade*, no romantismo o artista prefere produzir sua obra num estado de semiconsciência ou *embriaguez*; no Classicismo os artistas procuram reproduzir os valores culturais de sua época, já no Romantismo os autores preferem fazer culto à natureza (RONCARI, 2002).

Depois da Europa, o romantismo se espalhou por todo mundo, porém, nesse trabalho interessa-nos destacar a realidade do romantismo no Brasil, focalizando o romantismo na obra de José de Alencar.

2.1 O Romantismo no Brasil

No Brasil, costuma-se dizer que o romantismo se iniciou com Domingos José Gonçalves de Magalhães em 1836, quando ele publicou em Paris o livro “*suspiros Poéticos e Saudades*”. No Brasil são evidenciadas três fases distintas: a primeira é a fase *indianista*; a segunda a fase do *mal do século*; e a terceira a fase condoeira.

A primeira se caracteriza pela predominância da imagem do índio nas obras literárias. Os românticos não contentes com a realidade em que viviam procuravam construir um mundo idealizado. Enquanto os europeus procuravam esse refúgio no medievalismo, os românticos brasileiros buscando voltar-se a época da colonização

do Brasil que representava o medieval brasileiro. Procuravam recriar um passado histórico. Exaltavam os índios, descrevendo-os como figuras heroicas. Os principais representantes dessa fase são: Gonçalves Dias, Teixeira e Sousa.

A segunda fase do romantismo ficou popularmente conhecida como ultraromântica ou Byroniana, nessa geração os escritores brasileiros foram fortemente influenciados por Musset e Byron, iniciada em 1853 vai até 1869. Nesta geração destaca-se o pessimismo, negativismo, melancolia e egocentrismo, nela o sentimentalismo são usados de forma exagerada, à valorização das imagens. Os principais autores nessa geração são: Alvares de Azevedo, Fagundes Varela, Casimiro Abreu e Junqueira Freire.

A terceira geração também conhecida como condoeira enfoca a poesia libertária, a questão político-social. Condor é a ave símbolo dessa geração, ela representa a liberdade. Ela trabalha a questão dos escravos, por conta do sistema econômico, na época baseado no trabalho escravo, os poetas desta geração buscam igualdade, justiça e liberdade. Os principais autores desta geração são: Castro Alves e Sousândrade.

Segundo D'Onofrio (1990), o maior transmissor da ficção romântica brasileira é o escritor Cearense José de Alencar (1829-1877), fazendo parte tanto da primeira como da última geração, adaptando os novos conteúdos ideológicos a realidade brasileira, descrevendo sociedades indígenas, sertanejas e urbanas, entre suas obras D'Onofrio (1990) faz referência ao romance "Iracema", romance no qual esse trabalho se baseia, romance meio poético e meio lírico, em que vemos a exaltação da fauna e da flora brasileira e do idealismo sentimental, em que Alencar explora fatos históricos-lendários. Nas palavras do autor:

[...] no romance de Alencar, é a cultura primitiva dos aborígenes que predomina sobre a civilização europeia. Não é sem motivo, portanto, que a elaboração artística e idealizante da lenda de Iracema se tornou a melhor expressão literária do indianismo brasileiro e um marco importante do nosso nacionalismo poético. Iracema pode ser considerada a personagem símbolo da terra mãe que, pelos seus encantos, seduz o estrangeiro que vem ao Brasil e o induz a aqui ficar (D' NOFRIO, 1990, p. 341).

2.2 O enredo em Iracema

Antes de falar sobre o enredo na obra é interessante trazer aqui um pouco do que se trata o texto narrativo, visto é tratando de um texto narrativo que possui características próprias, sendo um tipo de texto que conta uma sequência de fatos, sejam eles reais ou imaginários, nos quais as personagens atuam em um determinado espaço e tempo. Pinna (2007, p. 138) explica que:

A capacidade de narrar é um aspecto imanente dos seres humanos. Estamos freqüentemente narrando acontecimentos ou contando eventos de que participamos, assistimos ou sobre os quais ouvimos falar. Uma narrativa representa uma seqüência de acontecimentos interligados, que são transmitidos em uma estória. As estórias sempre reúnem aqueles que as narram e aqueles que as ouvem, lêem ou assistem.

O texto narrativo apresenta uma determinada estrutura e os seus elementos essenciais incluem o narrador, enredo, espaço, personagens, espaço e tempo. Focalizaremos neste trabalho a questão do enredo, narrador e personagem. E o que seria o enredo em uma obra? O enredo trata-se da sequência de acontecimentos de uma história, ou como diz Pinna (2007, p.142), é “o conjunto de acontecimentos que se sucedem de modo ordenado numa estória, dos quais participam as personagens”. Porém, esses acontecimentos não necessariamente recriam a realidade como ela é, e sim apresenta o possível, o lógico, causal e necessário, modo de arranjo interno da obra.

Essa noção de construção de possibilidades é trazida por Aristóteles na obra “A Arte Poética”, no qual ele traz para discussão a questão da *verossimilhança*, ou seja, para Aristóteles “não cabe a uma narrativa reproduzir o que existe, mas sim compor as suas possibilidades de maneira verossímil e dentro daquilo a que se propõe o poeta ao realizá-la” (PINNA, 2007, p. 142).

Além da natureza ficcional do enredo (*verossimilhança*), uma outra questão importante de se destacar na análise do enredo é de que maneira funciona sua estrutura, ou seja, quais partes compõe o enredo. A esse respeito Pinna, (2007, p. 145) explica que o enredo pode ser dividido em três partes principais, são elas: introdução, desenvolvimento e conclusão, correspondendo respectivamente, ao início, meio e fim da história narrada, sendo que organização das partes de um enredo, assim como os acontecimentos que o compõem, é determinada pelo

conflito, componente da história gerador da tensão que faz o enredo envolver e prende a atenção do apreciador à matéria narrada.

Segundo o crítico, a introdução (apresentação, exposição ou situação inicial) é onde se inicia a história, momento em que o leitor/espectador será apresentado aos personagens, assim como conhecerá o local e o espaço temporal da trama. O desenvolvimento (ou complicação) é a parte em que a história toma forma, sendo normalmente a parte mais extensa do enredo. É durante o desenvolvimento que o conflito envolve em direção a uma resolução.

E ao desenrolar do enredo singelo, o narrador vai compondo a personagem por inteiro em sua beleza de sentimentos e sublimidade moral. Assim, se, por um lado, esse ícone maior da cultura brasileira ocupa posição singular na prosa de ficção romântica em língua portuguesa e destaca-se como a culminância máxima na escalada ascendente da produção literária de Alencar (BARBIERI,2013, p.66).

Já a conclusão é a parte que se encerra o enredo, nela é apresentada a solução do conflito que aconteceram ao longo da história. Além disso, fazem parte da conclusão o clímax (momento culminante da história) e o desfecho. Sendo que o clímax é o momento no qual o conflito chega ao seu auge, para em seguida ser solucionado. Passemos, então, a evidenciar o enredo em Iracema.

A obra Iracema conta a história de uma jovem índia chamada Iracema e um jovem branco chamado Martim que se apaixonam, porém esse amor é proibido e eles têm que enfrentar muitos problemas para ficarem juntos, entre eles o fato de ela ser guardiã do segredo da jurema e não pode se casar.

A história se inicia com a chegada do guerreiro branco, chamado Martim que durante uma caçada se perdeu dos companheiros pitiguaras, logo encontrou com Iracema da tribo dos tabajaras, quando se deparou com Martim surpresa e amedrontada a índia o feriu com uma fechada, arrependida a moça correu até Martim e ofereceu-lhe hospitalidade, a hospitalidade ali não agradou o guerreiro, Irapuã que era apaixonado por Iracema, enquanto isso Martim convivia com a distância de Portugal e também com a crescente admiração pela virgem tabajara.

Apasionada por Martim e assim traindo o compromisso de virgem portadora do segredo da jurema da tribo tabajara, Iracema decidiu fugir ao lado do amado e seu amigo Poti guerreiro da tribo inimiga pitiguaras, Iracema fugiu da sua aldeia rumo ao litoral, ao perceberem o ocorrido, Irapuã e Caubi lideram os tabajaras e perseguem

os amantes. No caminho encontraram os pitiguaras, ocorrendo assim uma batalha sangrenta.

A fuga acabou numa praia deserta onde o casal decidiu construir uma cabana, após um tempo os franceses se aliaram aos tabajaras e decidiram travar uma batalha com a tribo pitiguaras, assim Martim viu se obrigado guerrear junto seu irmão Poti, deixando Iracema na cabana grávida.

Iracema deu à luz a um menino, mais foi um parto de risco, por esta razão ficou debilitada então seu filho foi chamado de Moacir o filho da dor, de tanto chorar Iracema perdeu o leite para alimentar o filho, conseguiu nutri seu filho mais a jovem perdiam a suas forças e o apetite. O guerreiro branco ao chegar e ouvir o canto triste da jandaia pressentiu a tragédia, voltou a tempo de Iracema morrer em seus braços, o sofrimento de Martim foi enorme com a perda do seu grande amor, o lugar onde enterrou Iracema veio a se chamar Ceara, Moacir o fruto de uma relação trágica entre sangue português e sangue indígena tornou-se o primeiro cearense. No ceara Martim cria seu filho, implanta a fé cristã e continuou em uma amizade fiel com Poti.

Pode-se dizer que o enredo na obra apresenta as seguintes partes respectivamente:

A apresentação inicia-se pela caracterização do local que será o cenário do romance. Em sequência, é feito pelo autor um breve comentário, dizendo que contará uma história que lhe contaram em sua Terra Natal. Logo e por fim, é feita a apresentação das personagens principais (Iracema e Martim). Vejamos!

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;
Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do Sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.
Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.
(...)Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.
(...)Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo (ALENCAR, 2010, p. 10-13).

Vale lembrar que o romance inicia-se no segundo capítulo, já que no primeiro o narrador apresenta o final da história e só a partir do segundo começa o início do enredo cronologicamente.

Já o primeiro acontecimento que desencadeará o desenvolvimento (complicação) da narrativa será o encontro entre Martim e Iracema. Nesta passagem, Iracema acaba ferindo Martim com uma flecha e, arrependida, ela acaba quebrando-a, dando a haste para Martim e ficando com a sua ponta. Esse ato equivale simbolicamente a um sinal de paz entre ela (povo nativo) e Martim (o colonizador). Após esse acontecimento, haverá uma sequência de problematizações que contribuirão para o clímax e desfecho da obra.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada (ALENCAR, 2010, p. 12-14).

O Clímax corre no penúltimo capítulo, momento em que ocorre falecimento da índia.

Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu como a jetica se lhe arrancam o bulbo. O esposo viu

então como a dor tinha murchado seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume na flor caída do manacá” Iracema não se ergueu mais da rede onde a pousaram os aflitos braços de Martim. O terno esposo, em que o amor renascera com o júbilo paterno, a cercou de carícias que encheram sua alma de alegria, mas não a puderam tornar à vida: o estame de sua flor se rompera (ALENCAR, 2010, p. 100).

Já o desenlace ocorre no último capítulo com a volta de Martim com o filho Moacir para sua terra natal.

Afinal volta Martim de novo às terras, que foram de sua felicidade, e são agora de amarga saudade. Quando seu pé sentiu o calor das brancas areias, derramou-se por todo seu ser um fogo ardente, que lhe requeimou o coração: era o fogo das recordações acesas (ALENCAR, 2010, p. 100).

Sem o narrador e personagem não existe enredo, por isso, no próximo capítulo falaremos um pouco sobre esses dois elementos.

3. O ENREDO: A TRAMA ROMÂNTICA

A trama romântica é a sequência de fatos e acontecimentos da história, situações que os personagens vivem a trama das ações que eles fazem ou mesmo que eles sofrem. Segundo Moretti Franco, cultura e forma são fundamentais para o estudo do romance:

O romance é para nós um grande acontecimento cultural, que redefiniu o sentido da realidade, o fluxo do tempo e da existência individual, a linguagem e as emoções e os comportamentos. Romance como cultura, portanto; mas certamente também como forma, aliás formas, no plural, porque na sua longa história encontram-se as criaturas mais surpreendentes, e o alto e o baixo trocam de lugar de bom grado, e os próprios limites do universo literário se tornam incertos. (2009, p. 11).

Quando não há conflito, a narrativa fica reduzida a um relato, a uma sequência de fatos que não despertarão o interesse dos leitores.

3.1 O narrador e o enredo

O segundo elemento que trataremos aqui é o narrador, pois sem ele não há narrativa. Como diz Brait (1985, p. 53),

Como podemos receber uma história sem a presença de um narrador? Como podemos visualizar uma personagem, saber quem ela é, como se materializa, sem um foco narrativo que ilumine sua existência? Assim como não há cinema sem câmera, não há narrativa sem narrador.

É importante ressaltar aqui que narrador não é a mesma coisa de autor. O autor é um ser real que cria e escreve a história, já o narrador é o ser fictício criado pelo autor que narra os acontecimentos da história. Sendo o narrador “quem interage com o apreciador no processo de transmissão da estória narrada” (PINNA, 2007, p. 157), ou seja, o apreciador só entende o que ocorre na história a medida que o narrador vai narrando os acontecimentos.

Como explica o texto uma história pode ser narrada em primeira pessoa ou terceira pessoa. Essa escolha do foco narrativo entre primeira e terceira pessoa é importante, já que é ela que fará o direcionamento da história, ou seja, é ela que vai determinar como o enredo deve ser estruturado.

Nessa perspectiva, pode-se distinguir três tipos de narrador, são eles: o narrador personagem; o narrador observador e o narrador onisciente.

O narrador personagem conta a história na 1ª pessoa ao mesmo tempo que participa dela como um personagem. O narrador observador conta a história na 3ª pessoa, sem participar diretamente das ações. Não tendo conhecimento íntimo dos personagens nem das ações vivenciadas, apenas narrando o que vê. Já o narrador onisciente é um narrador em terceira pessoa e tem total conhecimento dos fatos e dos personagens. Estando em todos os lugares e a todo momento. Conhecendo desde de as ações da personagens até os sentimentos.

Diante do exposto, pode-se dizer que a obra Iracema é narrada em terceira, sendo conduzida por um narrador onisciente, no qual tem conhecimento de todos os personagens, seus sentimentos e os fatos que ocorrem durante toda a história, conhecendo o passado, o presente e o futuro dos personagens. A obra logo no primeiro capítulo o narrador apresenta o final da história, só a partir do segundo capítulo é que começa a conta no tempo cronológico.

Sendo contada em terceira pessoa o narrador focaliza aquilo que ele considera relevante na história. Como explica Brait. “O narrador em terceira pessoa simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que a vivem” (BRAIT, 1985, p. 56). Vemos isso na passagem que se segue, do encontro dos personagens, Martim e Iracema.

Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara (ALENCAR, 2010, p. 13-14).

Nessa passagem do enredo de Iracema, por exemplo, o narrador narra o encontro de Iracema com Martim, descrevendo não só o que pode ser observado,

mas também o que os personagens estão sentindo, quando diz por exemplo, que martim “sofreu mais d’alma que da ferida”, e quando narra que Iracema “correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara”. Além disso, como narrador onisciente tem o conhecimento de tudo o que acontece na narrativa, desde o passado até o presente, até mais que os próprios personagens. Como vemos na passagem “O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor”. Ou seja, o narrador narra a respeito do passado do personagem, fala da vivência dele com a mãe, do que ele aprendeu com ela.

Nessa outra passagem, “as tribos tabajaras, d’além Ibiapaba, falavam de uma nova raça de guerreiros, alvos como flores de borrasca, e vindos de remota plaga às margens do Mearim. O ancião pensou que fosse um guerreiro semelhante, aquele que pisava os campos nativos” (ALENCAR, 2010, p. 15). Vemos, que o narrador está em todos os lugares, quando fala, por exemplo, “As tribos tabajaras, d’além Ibiapaba”. Além de falar o que o personagem está sentindo, quando diz: “o ancião pensou que fosse um guerreiro semelhante”.

Vemos isso, também, na passagem: “A voz do cristão transmitiu a Poti o pensamento de Iracema; o chefe pitiguara, prudente como o tamanduá, pensou e respondeu: — A sabedoria falou pela boca da virgem tabajara. Poti espera o nascimento da Lua!” (ALENCAR, 2010, p. 50).

Podemos observar durante toda narrativa o uso abundante de metáforas e comparações. Quando diz na passagem acima, por exemplo, “prudente como o tamanduá”, está comparando Martim a um tamanduá. Essa é uma característica importante da narrativa, visto que o narrador faz uso de elementos da natureza para construir a história. Más, deixaremos pra falar um pouco mais a respeito disso no próximo capítulo. Passemos, então, a análise dos personagens na obra, evidenciando de que maneira o narrador caracteriza cada um.

3.2 As personagens e o enredo

Uma outra questão a ser tratada aqui é a questão do personagem, um componente fundamental da narrativa, pois sem tal componente o enredo não se desenvolve. Gancho (2006) explica que a personagem é um ser fictício responsável pelo desenvolvimento do enredo, sendo, dessa maneira, uma invenção, mesmo

quando baseadas em pessoas reais. Só existindo quando participa efetivamente do enredo.

Cada personagem possui um papel na narrativa. A medida que o enredo vai se desenvolvendo vai ficando evidente o papel que cada um representa, assim, também, como as relações de uns com os outros.

As personagens encontram, ao longo de sua trajetória para atingir um determinado objetivo, obstáculos a serem enfrentados e superados. Neste ínterim, interagem com outras personagens — igualmente empenhadas em atingir seus próprios objetivos — relacionando-se com as mesmas de alguma maneira. São as personagens, portanto, as agentes que dão desenvolvimento ao enredo da estória narrada (PINNA, 2007, p. 182).

O narrador apresenta a personagem com características próprias, criando um efeito de realidade. Ele descreve com minúcia as peculiaridades do encontro da índia brasileira, com o estrangeiro português, respectivamente de mundos totalmente diferente.

Essa visualização, esse efeito de realidade vai ganhando forma a partir da descrição minuciosa de traços que apontam para a figura física das personagens, para a nominalização desses seres, para a minúcia dos gestos, para as roupas e para a linguagem de cada um (BRAIT, 1985, p. 58).

No decorrer do enredo de *Iracema*, pode-se destacar sete personagens, cada uma com características próprias, como descrevo abaixo. São eles: Iracema, Martim, Irapuã, Poti, Araquém, Caubi e Moacir.

Iracema, virgem dos lábios de mel, cabelos mais negros que a asa da graúna, mais longos que o talhe de palmeira, mais rápida que a ema selvagem, filha do pajé Araquém chefe dos tabajaras, guardiã do segredo da Jurema, se apaixona pelo guerreiro português e vive o amor proibido.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas (ALENCAR, 2010, p. 12).

O narrador ao longo do enredo vai construindo a personagem Iracema, a índia que é submissa a cultura europeia, por se apaixonar por um guerreiro português.

Martim, guerreiro português aliado da tribo potiguara, se apaixona no primeiro olhar pela virgem dos lábios de mel, disso surge o amor proibido do homem branco e a índia.

Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Igotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo (ALENCAR, 2010, p. 13).

Irapuã, um guerreiro agressivo, motivo pelo ódio e pelo desejo de vingança, resolve as coisas sempre na força e violência, chefe tabajara e inimigo dos portugueses. Apaixonado por Iracema, capaz de tudo para conseguir seus objetivos. Observamos como o narrador descreve: “O maior chefe da nação tabajara, Irapuã, descera do alto da serra Ibiapaba, para levar as tribos do sertão contra o inimigo pitiguara. Os guerreiros do vale festejam a vinda do chefe, e o próximo combate”.

Poti, amigo de Martim, considera o mesmo com irmão, é um dos chefes guerreiros potiguaras, lutou ao lado dos portugueses contra os invasores holandeses, foi o primeiro índio a ser batizado. “_Quantos guerreiros potiguaras acompanham seu chefe Valente? _ Nenhum Poti veio só” (ALENCAR, 2010, P. 49).

Araquém, pai da virgem dos lábios de mel e Caubi, ele é o pajé dos tabajaras, possui os poderes de tupã. Um homem forte que através de sua experiência se torna muito sabedor. Ele é:

O ancião fumava à porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã. O ténue sopro da brisa carneava, como frocos de algodão, os compridos e raros cabelos brancos. De imóvel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas (ALENCAR, 2010, p. 15).

Caubi, filho de Araquém e irmão de Iracema, um homem do coração bom, guerreiro forte e valente que não guarda rancor da virgem dos lábios de mel. O mesmo é descrito pelo narrador: “— Guerreiro branco, espera que Caubi volte da caça. O irmão de Iracema tem o ouvido sutil que pressente a boicininga entre os rumores da mata; e o olhar do oitibó que vê melhor na treva. Ele te guiará às margens do rio das garças”.

Moacir, o mesmo representa a união entre o branco português e a índia brasileira, filho de Iracema e Martim, o primeiro cearense. “O primeiro cearense,

ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?” (ALENCAR, 2010, P. 101).

Tendo em conta o exposto, a respeito da relação entre narrador e personagem na construção do enredo, no próximo capítulo é trazido para discussão a maneira como o narrador trabalha com linguagem para recriar um passado histórico, exaltando a natureza, assim como como sua pátria, construindo, assim, um enredo idealizado.

4. A REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA: IDEALIZADA?

No romantismo os autores procuravam fugir da realidade e buscar inspiração em outros meios, assim, buscavam inspiração na própria natureza e em um passado histórico. Iracema é uma obra que demonstra bem isso, por isso, nesse capítulo discutiremos um pouco como o narrado faz uso desses elementos para construir o enredo da obra.

Alencar destaca a fauna e a flora presente no romantismo, ele trata a mulher e a representação da natureza bela e pura igual à fauna brasileira. A índia Iracema representa o encanto da mulher brasileira, que conquista o europeu que vem ao Brasil explorar suas riquezas e se apaixona pela índia.

4.1 A idealização romântica

Como explicamos anteriormente, Iracema, escrita por José de Alencar, é uma das principais obras do romantismo brasileiro, pertencente a fase indianista, teve sua primeira publicação em 1865, até hoje é considerada uma das principais obras literárias brasileiras.

Tentando evidenciar como se caracteriza a natureza romântica na obra Iracema torna-se relevante uma breve análise, pois compreenderemos melhor qual o significado do culto a natureza no romantismo, e como o autor trabalha a linguagem para que possa fundir o externo com o interno na construção do enredo.

Uma das principais características do romantismo como já foi visto é a exaltação da natureza e percebe-se que durante toda obra de Iracema, Alencar recorre a elementos da natureza para construir seu texto, mas de que maneira isso ocorre? Primeiramente é importante frisar que a natureza no romantismo não é a mesma vista no arcadismo, a natureza no arcadismo era apenas vista como um cenário que decorava o ambiente em que se passava a trama, já a natureza no romantismo é parte integrante da obra expressando o estado da alma do artista como, pois, como diz Bosi (2006, p. 97 – Grifos do Autor), “a natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa. Ela *significa e revela* [...]”.

Assim, Alencar faz um trabalho com a linguagem trazendo algo que é do exterior e tornando integrante da obra, nesse caso a natureza. A esse respeito

Candido diz que, só podemos entender a integridade da obra fundindo texto e contexto numa perspectiva dialética íntegra, e que o externo importa não com causa, nem significado, mas como elemento de importante papel na construção da obra, tornando-se ínterno. É assim que é vista a natureza no Romantismo.

O narrador já abre o primeiro capítulo da obra falando da beleza de sua terra natal, de como era bela as suas riquezas naturais.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do Sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros. Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas. Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela. (ALENCAR, 2010, p.10).

Em **Iracema**, Alencar procurou construir uma figura de uma heroína que fosse pura como a natureza. Sobre essa construção do herói, Bosi (2006, p. 145) diz: Para dar forma ao herói, Alencar não via meio mais eficaz do que amalgamá-lo à vida da natureza. É a conaturalidade que o encanta: desde as linhas do perfil até os gestos que definem um caráter, tudo emerge do mesmo fundo incôscio e selvagem, que é a própria matriz dos valores românticos.

Isso fica evidente na frase mais famosa do livro: “Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira” (ALENCAR, 2010, p. 12). Nesta passagem o narrador faz uma comparação dizendo que os cabelos da índia Iracema são pretos como a asa de um pássaro e longos como a palmeira que é uma árvore.

Um dos recursos linguísticos que o escritor faz uso para construir seu texto é o uso de metáfora e comparações. Como vemos abaixo:

A filha do pajé estremeceu. Assim estremece a verde palma, quando a haste frágil foi abalada; rorejam do espato as lágrimas da chuva, e os leques cíciam brandamente. — O guerreiro Caubi vai chegar à taba de seus irmãos. O estrangeiro poderá partir com o Sol que vem nascendo. — Iracema quer ver o estrangeiro fora dos campos dos tabajaras; então a alegria voltará a seu seio. — A juruti quando a árvore seca abandona o ninho em que nasceu. Nunca mais a alegria voltará ao seio de Iracema: ela vai ficar, como o tronco nu, sem ramas, nem sombras (ALENCAR, 2010, p.29).

O narrador compara a todo o momento a figura da jovem Iracema com elementos da natureza, quando ele diz, por exemplo, “O mel dos lábios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da guabiroba: tem na doçura o veneno. A virgem dos olhos azuis e dos cabelos do sol guarda para seu guerreiro na taba dos brancos o mel da açucena” (ALENCAR, 2010, p.30), além de seu amado, quando o narrador descreve: “Como o imbu na várzea, era o coração do guerreiro branco na terra selvagem” (ALENCAR, 2010, p.8).

Podemos perceber, então, como a paisagem se torna um elemento importante da narrativa. O narrador ao descrever o encontro entre os dois mundo, o americano, representado por Iracema, e o europeu, representado por Martim, procura na natureza romântica as próprias características da personagem. Assim, reafirmando o sentimento nacionalista através das belas paisagens pertencentes a região.

Como uma das características do romantismo, Alencar volta-se, assim, para um passado histórico, mais especificamente a colonização do Brasil, construindo o contexto da colonização por uma outra visão, construindo o que hoje é considerado o mito de origem, idealizando um passado histórico.

Depois de evidenciar como se caracteriza a natureza romântica, passemos então, a demonstrar como o enredo é construído de maneira a idealiza-lo. Para isso, tomamos como base o relato que Caminha faz na carta que escreve no início da colonização do Brasil.

4.2 Um enredo idealizado

Como explicado anteriormente, Iracema é uma obra literária na qual Alencar volta-se para o passado da colonização do Brasil para construir sua narrativa, mas não como realmente ocorreu, e sim como ele imagina que deveria ter sido.

O narrador constrói essa história explorando fatos históricos sobre a colonização do Ceará e do Brasil. Isso fica evidente com o nascimento do menino Moacir no final da história, fruto do amor de Iracema e Martim, dando início a uma civilização miscigenada.

Na obra Iracema, no segundo capítulo o narrador mostra como ocorreu o encontro da índia Iracema com o português Martim, que apesar de Iracema ter acertado o português com uma flecha, logo se arrepende e recebe como hospede.

Durante o desenrolar do enredo e demonstrado que Iracema e Martim se apaixonam perdidamente. O primeiro documentos que trata dos primeiros contatos entre os Europeus e os índios é a “Carta de Caminha”, no qual ele descreve a sua visão da terra que acabou de chegar, a América, e do povo que lá abitava.

Ao ler a carta de Caminha percebe-se que como se deu as relações entre esses dois mundos nos seus primeiros contatos. Ocorrendo de maneira bem diferente da vista no enredo de Iracema. Vejamos a seguir, em uma passagem da carta de Caminha a visão dos portugueses sobre os índios brasileiros:

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos trazia marcos com suas setas. Vinham todos rijamente sobre o batel, e Nicolau Coelho lhes fez sinal quepousassem os arcos, E eles os pousaram. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Deulhessamente um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles, deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com urna copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio, e outro deu –lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar. (CAMINHA, 2020, p.2).

É possível perceber visão do índio vista na carta de caminha e a vista no enredo de Iracema. A visão que portugueses tinham dos indígenas eram de selvagens.

A carta de Caminha deixa claro o interesse dos colonizadores nas terras brasileiras, por suas riquezas que ainda não eram exploradas. Como para os portugueses o ouro é que tinha valor, enquanto para os indígenas uma conta de colar ou um guizo eram mais importantes; para os portugueses, os índios eram vistos como mão-de-obra a ser explorada ou almas a serem cristianizadas; já para os indígenas, os portugueses eram homens diferentes com quem queriam trocar objetos.

Os portugueses tinham como interesse colonizar os indígenas, pois viam como pessoas brutas, sem costumes logo precisavam de educação e a mesma fosse padronizada pelos portugueses.

Na obra Iracema o índio é visto como um herói, nativo, sendo o protagonista do enredo.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu?" onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara, o pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas ALENCAR, 2010, p.12).

A relação de hospitalidade também é bem diferente. Ao descrever o momento de refeição, como mostra na passagem a seguir, Caminha diz que os portugueses ofereceu comida e bebida ao nativos e eles quase não tocaram. Vejamos:

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora (CAMINHA, 2020, p.10).

Já o encontro de Martim com Iracema o narrador descreve que o português é tratado como um hospede, oferecendo local de descanso, uma refeição, mulheres e defesa, na qual ele aceita de bom grado.

O mancebo sentou-se na rede principal, suspensa no centro da habitação. Iracema acendeu o fogo da hospitalidade; e trouxe o que havia de provisões para satisfazer a fome e a sede: trouxe o resto da caça, a farinha-d'água, os frutos silvestres, os favos de mel, o vinho de caju e ananás. Depois a virgem entrou com a igaçaba, que na fonte próxima enchera de água fresca para lavar o rosto e as mãos do estrangeiro. Quando o guerreiro terminou a refeição, o velho Pajé apagou o cachimbo e falou:
— Vieste?
— Vim; respondeu o desconhecido.
— Bem-vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras tem mil guerreiros para defendê-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão (ALENCAR, 2010, p. 15-16).

No capítulo dois da obra Iracema é demonstrado, também, que Martim já tinha um certo conhecimento a linguagem dos índios que ali abitava. Enquanto que Caminha descreve que só se comunicavam os índios através de gestos.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Onde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu? (ALENCAR, 2010, p. 14).

No decorrer do enredo em *Iracema* pode-se perceber que o português Martim toma por si a cultura indígena, como os costumes e tradições.

Iracema (1865) apresenta a busca pela regeneração de um passado histórico de colonização, marcado por atos de violência extrema contra as etnias indígenas brasileiras. Um exemplo é a concepção de Martim, que sempre age de forma respeitosa e cortês com Iracema e os demais indígenas. O personagem, que representa a Europa civilizada, é destituído de qualquer traço que possa indicar explicitamente o povo europeu como intelectual e economicamente superior. Mesmo quando flechado no rosto por Iracema, Martim não reage, invocando os ensinamentos cristãos (VIEIRA; SOARES, 2017, p.118).

Portanto, pode-se dizer que a literatura romântica produzida por José de Alencar, criou uma visão de nação sem problemas sociais. Encobriu, por exemplo, o problema da escravidão negra e genocídio indígena. Além das desigualdades sociais existentes em detrimento de um ideário romântico. Dessa forma, através de a natureza tentar esconder os problemas sociais da época.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, intitulado “O enredo romântico no romance Iracema, de José de Alencar” teve o intuito de fazer uma análise da obra Iracema, uma das obras de maior destaque do autor, escrita na década de sessenta, demonstrando como o enredo romântico vai sendo construído para dá origem ao que hoje é chamado de mito da construção do Brasil. Percebeu-se que com a obra Iracema, José de Alencar ajudou a construir, a partir de uma visão romântica, certa ideia de identidade nacional, criou uma visão de nação sem problemas sociais.

Durante a realização da pesquisa foi de suma importância estudar sobre o enredo, compreendendo que se trata de uma sequência de acontecimentos de uma história, onde quem participa é o narrador e os personagens, esses acontecimentos nem sempre tratam a realidade, podendo ser fictícios. Sendo que, a presença do narrador e dos personagens é fundamental, pois sem eles não existe enredo.

Durante o estudo compreendemos com Pinna (2007) que o narrador é o ser fictício criado pelo autor que narra os acontecimentos da história. Sendo ele quem interage com o apreciador no processo de transmissão da história, podendo ser visto em primeira pessoa ou terceira pessoa. Sendo que essa escolha do foco narrativo entre primeira e terceira pessoa é importante, já que é ela que fará o direcionamento da história, ou seja, é ela que vai determinar como o enredo deve ser estruturado.

Foi necessário, também, o estudo do personagem, observando qual a função desempenha no enredo. Compreendendo com Gancho (2006) que a personagem é um ser fictício responsável pelo desenvolvimento do enredo, sendo, dessa maneira, uma invenção, mesmo quando baseadas em pessoas reais. Só existindo quando participa efetivamente do enredo. Sendo que, cada personagens possui um papel na narrativa e a medida que o enredo vai se desenvolvendo vai ficando evidente o papel que cada um representa, assim, também, como as relações de uns com os outros, ficando, assim evidente, suas características, ou seja, suas peculiaridades e sua importância no desenvolvimento da narrativa.

O enredo da obra se baseia na época da colonização do Brasil, do encontro em entre o mundo Europeu e o Americano, onde Iracema é a personagem principal, e toda trama é baseada na história do amor proibido da índia brasileira e o português Martim. Além dá mesma guardar o segredo da Jurema, os dois também

eram de mundos distintos. Pode-se perceber que o mesmo possui linguagem própria. Utiliza recursos linguísticos, fazendo comparação e demonstrando a importância da natureza para o desenvolvimento do estudo.

Iracema é uma obra relevante para o romantismo. No curso de Letras, UFAL-Campus do Sertão, tivemos contato com a disciplina de literatura, daí surgiu o interesse de fazer a pesquisa sobre este romance de José de Alencar, propondo uma discussão e uma análise sobre enredo representado na obra.

Portanto, podemos dizer que literatura romântica produzida por José de Alencar, criou uma visão de nação sem problemas sociais. Encobriu, por exemplo, o problema da escravidão negra e genocídio indígena. Além das desigualdades sociais existentes em detrimento de um ideário romântico. Dessa forma, através da natureza podemos considerar que o romance desvia o olhar para os problemas sociais da época.

Por fim, cabe aqui ressaltar a importância desse estudo, visto que Alencar é um dos principais autores do período romântico, sendo Iracema a sua obra de maior destaque, no qual vai apurando o seu processo de criação. Por se tratar de uma obra no qual o autor procurou recriar o passado da colonização do Brasil, dando origem ao mito da civilização do Brasil é uma obra bastante estudada, principalmente nas Universidades.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

ARAÚJO, Maria Cláudia. **A Poética de Aristoteles sob Abordagem de Ligia Militz da Costa**, Kaliope, São Paulo, 2011 p.70-82.

BARBIERI, Ivo. **Iracema: Contemporâneo da Posteridade?** São Paulo: É Realizações, 2013.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo, Ática.1985.

BOSI, Alfredo. **Historia concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMINHA, Pero Vaz. **A Carta**. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf>> Acesso em 04 de Março de 2020.

CANDIDO, Antônio. **O mundo desfeito e refeito**. Disponível em: http://ava.ead.ufal.br/pluginfile.php/146341/mod_resource/content/1/Antonio%20Candido%20-%20O%20mundo%20desfeito%20e%20refeito.pdf. Acesso em: 04 de Março de 2020.

CANDIDO, Antônio. **Crítica e sociologia**. Disponível em:< http://ava.ead.ufal.br/pluginfile.php/146340/mod_resource/content/1/Antonio%20Candido%20-%20Literatura%20e%20Sociedade%20-%20Trechos.pdf>. Acesso em: 04 de Março de 2020.

D'ONOFRIO, Salvatore. A época romântica da Era Moderna. In: _____. **Literatura ocidental: autores e obras fundamentais**. São Paulo: Ática, 1990. p.327-376.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática , 2006.

GUINSBURG, J. **O Romantismo**. 4. ed. 2. reimpressão. São Paulo: perspectiva, 2008.

MORETTI, Franco (Org.). **O romance: a cultura do romance**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

OLIVEIRA, F. H. A. **Iracema: Emancipação Literária pela Forma Romance**. Revista Colineares, Mossoró, 2018.

PINN, Daniel de Sousa Moreira. **Animadas Personagens Brasileiras: A Linguagem Visual das Personagens do Cinema de Animação Contemporâneo Brasileiro**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=9582@1>>. Acesso em 04 de Março de 2020.

PROENÇA FILHO, Domício. **O romantismo**. In: _____. Estilos de época na literatura. 5. ed. rev. e aum. São Paulo: Ática, 1978. p. 170-197.

QUINTELA, Mota Vilma; SILVA, Walter Ferreira da. **Aspectos do nacionalismo romântico em Iracema, de José de Alencar**. Aracaju, 2013.

RONCARI, Luiz. **Literatura Brasileira: Dos primeiros Cronistas aos Últimos Românticos**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

SITI, Walter. O romance sob acusação. In: MORETTI, Franco (Org.). **O romance 1: a cultura do romance**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009. P. 165-195.

SOARES, Aline Rebouças Azevedo; VIEIRA, Marcelo Dídimo Souza. **Reflexões sobre a Narrativa de Fundação em 'Iracema, a virgem dos lábios de mel'**, 2017. Disponível em <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=Reflex%C3%B5es+sobre+a+Narrativa+de+Funda%C3%A7%C3%A3o+em+%E2%80%98Iracema%2C+a+virgem+dos+l%C3%A1bios+de+mel%2C&btnG=>>. Acesso em 04 de Março de 2020.